

A PESTE SUÍNA AFRICANA NA CHINA EM 2018 E OS REFLEXOS NAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CARNE SUÍNA

Antonio Vieira Pinto¹, Geraldo de Nardi Junior²

¹ Discente da Faculdade de Tecnologia de Botucatu Agronegócio, antonio.vieira14@fatec.sp.gov.br.

² Docente do Curso Tecnologia em Agronegócio Faculdade de Tecnologia de Botucatu, geraldo.nardi@fatec.sp.gov.br

RESUMO

A suinocultura brasileira teve um incremento em suas exportações a partir de 2018 em razão do surto da peste suína africana que atingiu principalmente a China, país considerado como o maior produtor e consumidor de carne suína. Isso provocou uma drástica redução do seu rebanho, e fez com que a China passasse a demandar um maior volume nas suas importações dessa carne. É nesse contexto que o Brasil apresenta a possibilidade de aumentar sua participação nesse mercado, dentre outros motivos, em razão de possuir um rebanho suíno saudável e livre para exportação. Esta pesquisa tem por objetivo analisar o efeito da peste suína africana, nas exportações brasileiras de carne suína a partir do surto de 2018 na China, para verificar a hipótese de que modo o Brasil, nesse acontecimento, se beneficiou nas exportações dessa carne com a demanda chinesa. **Palavras-chave:** Demanda. Suinocultura. Surto.

1 INTRODUÇÃO

A carne suína é a segunda mais consumida do mundo e seu consumo tem crescido e apresentado boas perspectivas para o Brasil no mercado internacional (MAPA, 2019). O surto da peste suína africana, ocorrido na China a partir de 2018, provocou uma crise na produção e oferta e causou grande impacto no preço mundial dessa proteína (EMBRAPA, 2020). Desde 2018, a demanda nas exportações tem aumentado, mas paralelamente a este fato, conforme Martins (2021, p.1), a oferta internacional dessa carne, tem sido ameaçada em virtude de doenças que afetam o rebanho suíno, como é o caso da peste suína africana, doravante, PSA. Essa doença tem imenso potencial de devastar rebanho inteiro e causar sérios prejuízos econômicos, principalmente ao comércio da suinocultura.

A suinocultura brasileira teve um incremento em suas exportações a partir de 2018 em razão desse surto que, tendo se espalhado em parte da Europa, atingiu a China, país considerado como o maior produtor e consumidor de carne suína. Conseqüentemente, com a drástica redução do seu rebanho, a China passou a demandar um maior volume nas suas importações. Nesse contexto que o Brasil apresenta a possibilidade de aumentar sua participação nesse mercado exportador, dentre outros

motivos, em razão de possuir um rebanho suíno saudável e livre para exportação (GAVA, *et al.*, 2019).

Dessa maneira, pela importância que o Brasil representa no mercado internacional como um dos principais produtores de proteína animal, por manter seu rebanho suíno livre da PSA e pelo o que a China representa como o principal destino das exportações brasileiras dessa proteína, considera-se relevante esta pesquisa a qual tem por objetivo analisar o efeito da PSA, nas exportações brasileiras dessa carne a partir do surto de 2018 na China, para verificar a hipótese de que modo o Brasil, nesse acontecimento, se beneficiou nas exportações com a demanda chinesa.

2 DESENVOLVIMENTO DO ASSUNTO

2.1 O SURTO DA PSA EM 2018

Conforme Gava *et al.* (2019), a PSA é causada por vírus DNA da família *Asfarviridae*, gênero *Asfivirus*. Esta doença surgiu na África em 1921, nessa região, é endêmica, afeta suínos selvagens e suínos domésticos, inclusive é transmitida por carrapatos (*Ornithodoros spp.*)

Em 1957, chegou na Europa via Portugal, se espalhou para a Itália, França, Holanda, Bélgica, Malta e em seguida atingiu a América do Sul, e Caribe. De acordo com Soto (2019, p. 25) o primeiro surto da PSA no Brasil ocorreu no Estado do Rio de Janeiro, no Município de Paracambi, em 1978, mas em 1984, o Brasil foi considerado livre da PSA. O Brasil foi capaz de erradicar a PSA na medida em que implementou programas sanitários bem estruturados que fornecem diretrizes e buscam padronizar a suinocultura a nível nacional (MAPA, 2019).

Em 2018, detectou-se um surto da PSA na China em suínos de subsistência, e em javalis, na Romênia. Surgiram novos surtos na Europa (Rússia, Bulgária, Hungria, Letônia, Moldávia, Polônia, Romênia, Sérvia, Eslováquia e Ucrânia), Ásia (Coreia do Norte, Coreia do Sul, Laos, Mianmar, Camboja, Vietnã, Filipinas) e, mais recentemente, Timor Leste (GAVA, *et al.*, 2019).

Entre as doenças mais relevantes para o comércio internacional de produtos suínos, a Organização Mundial da Saúde Animal (OIE) destaca a PSA. Trata-se de uma doença extremamente contagiosa em suínos domésticos e asselvajados, como o javali e prováveis cruzamentos com suínos domésticos, mas, segundo Nogueira *et al.* (2021), ela não afeta seres humanos. É de notificação obrigatória a órgãos nacionais e internacionais de saúde

animal, não existe vacina ou tratamento para a PSA. Com imensa facilidade de se espalhar com rapidez, é capaz de reduzir drasticamente o plantel de suínos em curto período de tempo, além de provocar grande impacto econômico no comércio da suinocultura (Figura 1).

A PSA, devido à rápida disseminação a vários países nos últimos dez anos, tem sido a principal preocupação da sanidade dos suínos em nível mundial. A doença atinge hoje vários países no Leste Europeu e Ásia, provocando graves perdas na produção e elevando os riscos de atingir outras partes do mundo (GAVA et al., 2019, p. 82).

Figura 1 - Disseminação da Peste Suína em 2018



Fonte: Instituto Interamericano de cooperação para a agricultura (2019).

O surto de PSA na China repercutiu no comércio internacional, pois esse país tem grande importância econômica nesse setor. Em 2017, a China foi o maior produtor mundial de carne suína, teve uma produção de 53,4 milhões de toneladas o que representa quase 50% das 111 milhões de toneladas da produção anual de todo o mundo, sendo que o consumo anualmente do país é de 55 milhões de toneladas dessa carne (ABPA, 2022). Mas, como dito anteriormente, em consequência do surto, houve uma considerável redução do seu rebanho. Segundo a Embrapa (2020), devido a este fato, evidenciou-se um grande rearranjo mundial da produção, do comércio internacional e do consumo dessa proteína. Em 2018, um pouco antes da suinocultura chinesa começar a sofrer os impactos

do surto, sua produção atingiu 54 milhões de toneladas, cerca de 48% da produção mundial. Já em 2019, a produção desse país caiu para 42,5 milhões de toneladas e no ano seguinte para 38 milhões de toneladas (EMBRAPA, 2021).

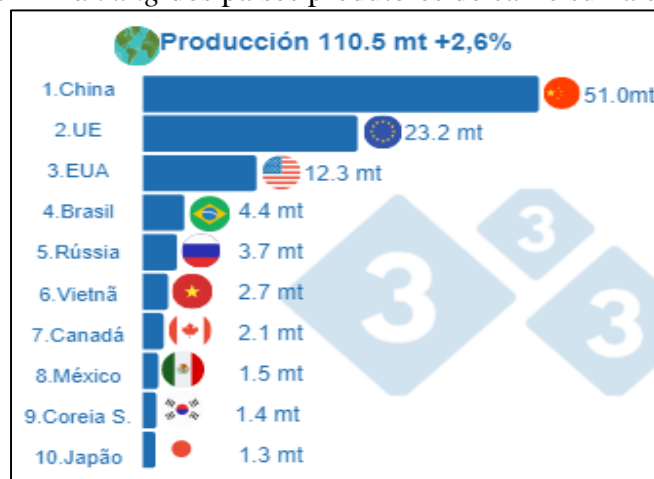
Surtos da doença podem restringir as importações dos mercados contaminados, com efeito, os exportadores podem buscar destinos alternativos para seus produtos, uma vez excluídos dos mercados tradicionais. A exemplo da própria PSA, na ocasião dos surtos de 2014 na UE, os países europeus elevaram consideravelmente os envios da proteína para a Ásia, quando a Rússia, até então o maior mercado importador do produto europeu, restringiu suas exportações devido a doença (MARTINS, 2021, p. 2).

O surto, responsável pelo desequilíbrio na produção, fez com que a China incrementasse a demanda. É nesse contexto que a produção brasileira ganha impulso na exportação principalmente para esse país que é considerado o principal destino da carne suína brasileira.

2.2 SUINOCULTURA NO CENÁRIO INTERNACIONAL

No cenário internacional da suinocultura, China, União Europeia, Estados Unidos, Brasil, Canadá e Rússia são notáveis por sua influência no agronegócio mundial por seu destaque, principalmente na produção e exportação. A China lidera o *ranking* dos maiores produtores de carne suína, seguida pela União Europeia, Estados Unidos e o Brasil ocupando a quarta posição, como mostra o gráfico abaixo do *ranking* comércio internacional de 2022, em cifras de milhões de toneladas, de países produtores de carne suína (Figura 2).

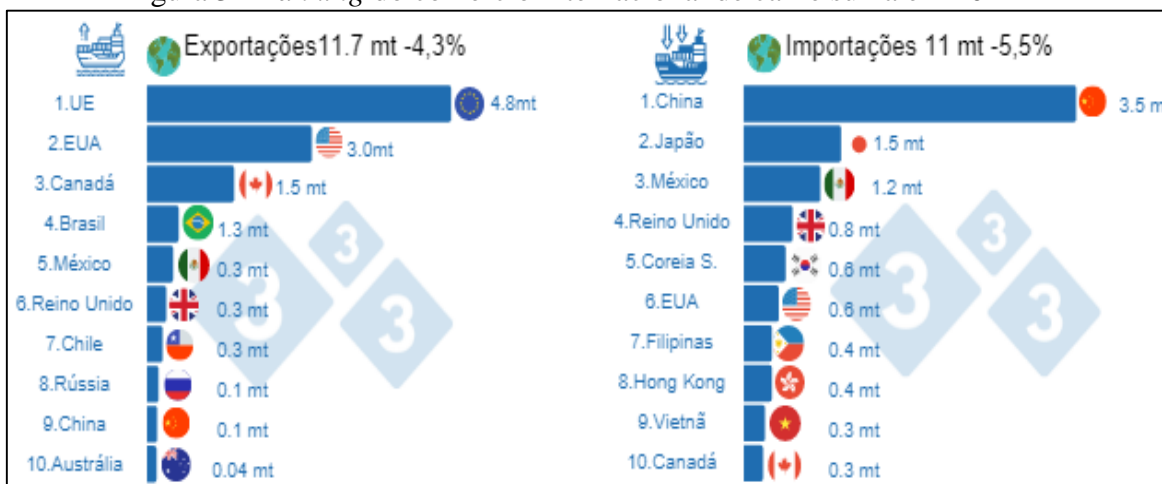
Figura 2 - *Ranking* dos países produtores de carne suína em 2022



Fonte: USDA - *Foreign Agricultural Service* (2022), In 3tres3. Comunidade Profissional da Suinocultura, 2022.

Quanto às exportações, a União Europeia lidera o *ranking*, seguida pelos Estados Unidos, Canadá e o Brasil ocupando a quarta posição. Nas importações, destaque para China que, sendo o país maior produtor, é também o maior consumidor visto que sua produção não é suficiente para suprir a demanda interna. O gráfico abaixo demonstra, com cifras em milhões de toneladas, o *ranking* das exportações e importações (Figura 3).

Figura 3 - *Ranking* do comércio internacional de carne suína em 2022



Fonte: USDA - *Foreign Agricultural Service* (2022), In 3tres3. Comunidade Profissional da Suinocultura, 2022.

2.3 SUINOCULTURA NO BRASIL

O Brasil é um dos maiores exportadores do mundo de carne suína. Exportou em 2021, 1.137 milhões de toneladas, ocupando a quarta posição, superado apenas pela União Europeia, pelos Estados Unidos e pelo Canadá. (ABPA, 2022). As exportações de carne suína, impulsionadas principalmente pela demanda chinesa, cresceram cerca de 32% no período de 2016 a 2020. Segundo a Embrapa (2021), o Brasil se beneficiou com essa demanda pois aumentou os volumes exportados em aproximadamente 40% até o mês de outubro de 2020. A suinocultura brasileira assume grande importância tanto no mercado interno quanto no externo com um crescimento acelerado nos últimos anos. A partir de meados de 2015, iniciou-se os preparativos com habilitação de plantas frigoríficas, de todo o Brasil, para exportar para a China (GUIMARÃES *et al.* 2017). O resumo estatístico da suinocultura brasileira de 2021 mostra um bom desempenho da produção (Tabela 1).

Tabela 1- Produção de carne suína brasileira em 2021

Produção	Valor Bruto da produção	Exportação	Exportamos para	Consumo <i>per capita</i>
4,701 milhões de toneladas	R\$ 31,3 bilhões	1,137 milhões de toneladas	86 países	16,7 kg/hab.

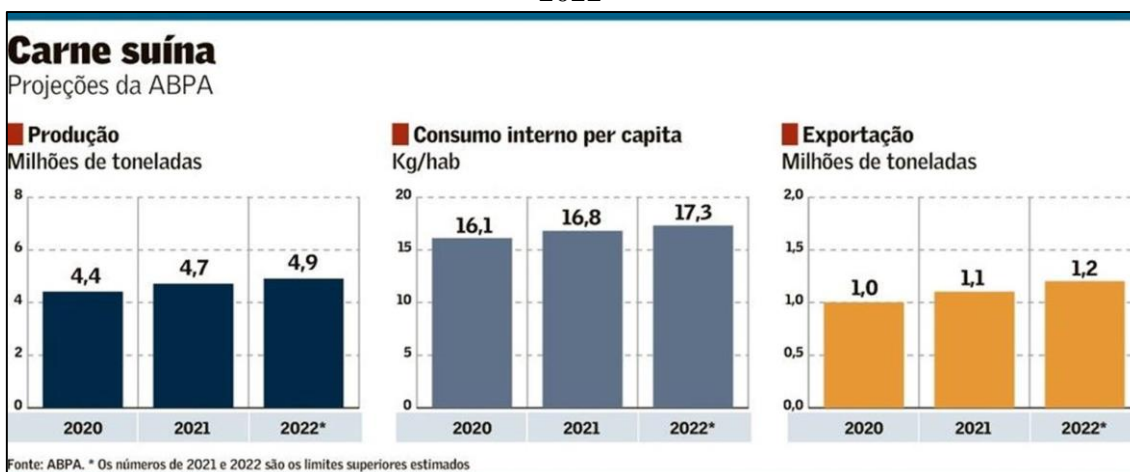
Fonte: ABPA (2022).

Dos estados brasileiros, os maiores exportadores de carne suína são respectivamente Santa Catarina com 51, 63%, Rio Grande do Sul com 26,72% e Paraná com 13,99% (ABPA, 2022).

O destino da produção brasileira de carne suína em 2021 foi de 24,19% para exportações e de 75,81% para o mercado interno. (ABPA, 2022). Os principais destinos das exportações brasileiras de carne suína são: China; Hong Kong; Chile; Singapura; Vietnã; Uruguai; Argentina; Filipinas; Angola; Japão; Geórgia; Estados Unidos; Emirados Árabes Unidos; Rússia e República Democrática do Congo (ABPA, 2022).

Segundo a ABPA (2022) as exportações brasileiras de carne suína, volume (em Mil ton.) e a receita obtida (em Milhões US\$) foram as seguintes: Em 2018: 1.211 ton. e uma receita de 646; em 2019: 1.597 e uma receita de 750; em 2020: 2.269 ton. e uma receita de 1024; em 2021: 2.641 ton e uma receita de 1.137. Portanto, observa-se um significativo aumento tanto no volume de carne suína exportada quanto na receita obtida. O gráfico (Figura 4) abaixo indica um crescimento da produção, do consumo interno *per capita* e da exportação de carne suína brasileira.

Figura 4 - Projeção para a produção, consumo interno e exportação da carne suína em 2022



Fonte: ABPA (2022).

Este aumento, tanto na produção quanto no volume de carne suína exportada, teve uma participação importante da demanda chinesa. Tem-se uma perspectiva de que a China recupere seu rebanho suíno nos próximos anos e que isso potencialmente contribua para reduzir a exportação, mas até isso acontecer, o Brasil provavelmente continuará a se beneficiar na exportação (CARVALHO, 2021).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A suinocultura brasileira se caracteriza como um setor gerador de renda e emprego e tem contribuído para suprir o mercado interno, além de participar de um considerável volume nas exportações as quais geram receitas para economia do país. Nesse setor, que tem muito ainda a produzir, haja vista a oportunidade de crescimento na exportação, o tecnólogo em agronegócio assume grande importância porque possui potencialmente qualificações técnicas que o torna capaz de implementar técnicas que contribuam para a lucratividade da cadeia produtiva.

Desse modo, esta pesquisa demonstra que o Brasil se beneficiou nas exportações com o aumento da demanda chinesa e que um dos fatores relevantes, é o fato de a suinocultura brasileira estar livre da PSA, até o presente momento, o que a torna mais competitiva nesse mercado. A suinocultura brasileira, ao manter-se livre dessa doença, continua na vanguarda de fornecedores de carne suína para os países afetados direta ou indiretamente pela PSA, principalmente a China que vive ainda os impactos sócio econômicos do surto que devastou parte de seu rebanho em 2018 e 2019.

4. REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROTEÍNA ANIMAL - ABPA. **RELATÓRIO ANUAL 2022**. Disponível em: <https://abpa-br.org/wp-content/uploads/2022/05/Relatorio-Anual-ABPA-2022-1>. Acesso em: 29 maio 2022.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). **Plano Brasil livre de PSC**. Brasília: MAPA/ACE, 2019. 57 p.

CARVALHO, Luciana de. **Impacto da peste suína africana nas exportações de carne bovina brasileira**, 2021. 46 fls. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/30444/Luciana%20Carva>

lho%20-%20MPAGRO%20final.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 11 jul. 2022.

EMBRAPA. **Anuário 2020 da avicultura industrial**. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/handle/doc/1117389>. Acesso em: 26 jul. 2022.

EMBRAPA. **Anuário 2021 da suinocultura industrial**. Disponível em: <http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/handle/doc/113758>. Acesso em: 26 jul. 2022.

GAVA, D. *et al.* **REVISTA CFMV – Conselho Federal De Medicina Veterinária. Peste Suína Clássica e Peste Suína Africana: As doenças e os riscos para o Brasil. Número 82 – 2019 Ano XXV Brasília - DF.** Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/1115468/1/final9276.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2022.

GUIMARÃES, Diego Duque *et al.* **Suinocultura: estrutura da cadeia produtiva, panorama do setor no Brasil e no mundo e o apoio do BNDES**. Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em <https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/11794>. Acesso em: 19 ago. 2022.

INSTITUTO INTERAMERICANO DE COOPERAÇÃO PARA A AGRICULTURA. San José, Costa Rica, 2019. Disponível em <https://www.iica.int/pt/content/iica-conclama-controles-sanit%25C3%25A1rios-ante-expans%25C3%25A3o-da-pestesu%25C3%25ADna-africana>. Acesso em: 19 de ago. 2022.

MARTINS, Michelle Márcia Viana; DA SILVA, João Vitor Borges. As implicações das políticas reguladoras relacionadas à peste suína africana no comércio internacional. *In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS REGIONAIS E URBANOS*, 29. 2021, [S. l.]. **Anais [...]. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS REGIONAIS**, 2021. Disponível em: <https://brsa.org.br/wp-content/uploads/wpcf7-submissions/4348/ENABER-COM-IDENTIFICA%C3%87%C3%83O.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2022.

NOGUEIRA *et al.* Peste suína Africana. **PUBVET**, Maringá, PR, v.15, n.11, a956, p.1-13, nov., 2021. Disponível em: <http://www.pubvet.com.br/artigo/8561/peste-suiacutena-africana-revisatildeo>. Acesso em: 15 jul. 2022.
SOTO. F.R.M. Moléstias Infecciosas. **Boletim APAMVET**, 2019. Disponível em: <https://publicacoes.apamvet.com.br/PDFs/Artigos/91.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2022.

USDA - *Foreign Agricultural Service* (2022), *In* 3TRES3. COMUNIDADE PROFISSIONAL DA SUINOCULTURA, Florianópolis – SC, 2022. Disponível em https://www.3tres3.com.br/noticias-sector-suinicola/ranking-de-paises-produtores-de-carne-suina-e-comercio-internacional_2298/. Acesso em: 19 de ago. de 2022.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos ao meu orientador, professor Doutor Geraldo de Nardi Jr. por seu incentivo à pesquisa e me auxiliar no desenvolvimento deste trabalho, do mesmo modo ao professor José Benedito por seu incansável esforço de me auxiliar na revisão textual.